

«J. B., ou le Polémiste imaginaire», por *Raúl Proença*.—Máximas e comentários, por *António Ferreira Monteiro*.—A missão do professor, por *António Yraizoz*, (trad. de *António Sérgio*).—O trabalho manual (Suas vantagens e desvantagens), por *Emílio Costa*.—A primeira bancarrota (Ruínas, «Déficits», «Sabotage» dos tabacos), por *Quirino de Jesus*.—Suetos.—Capa de *Leal da Câmara*.

“J. B., OU LE POLÉMISTE IMAGINAIRE”

L'esprit dépend si fort du tempérament et de la disposition des organes du corps que, s'il est possible de trouver quelque moyen qui rende communément les hommes plus sages et plus habiles qu'ils n'ont été jusques ici, je crois que c'est dans la médecine qu'on doit le chercher.

DESCARTES.

Em defesa do jornalismo publicou um tal sr. J. B., na *Batalha*, um artigo em que sou acusado:

— de estar fazendo nas colunas da *Seara* uma campanha contra um *único* político (quere-se aludir ao sr. Cunha Leal), quando deveria ser dirigida contra *todos*, pois «*todos* são maus ou imbecis, ou ainda as duas coisas juntas»;

— de me considerar o único homem honesto de Portugal;

— de me julgar, sem cerimónia alguma, o primeiro jornalista da República;

— de fundar todos os meus ataques à Imprensa num conceito primário da mecânica jornalística;

— e por fim de pensar que é «um crime receber o jornalista remuneração pelo trabalho que produz».

Isto com numerosas e depreciativas referências às minhas «vertigens», aos meus «delírios», aos meus «disparates», aos meus «dislates», às minhas «sandices», aos meus «conceitos primários» e às minhas ideas de «farmacêutico de sertão» — ao mesmo tempo que se procura insinuar, cândidamente, que cheguei ainda a horas de apanhar as melhores «poças» do regimen, sendo, pois, «delicioso ter a manança assegurada e nas horas vagas escrever de graça campanhas moralizadoras», o que não impede de se esboçar ainda a engenhosa hipótese de eu não pôr os pés na repartição.

Ser-me hia talvez permitido arriscar tímidamente algumas ligeiras atenuantes a este tremendo requisitório, afirmando, com licença do meu inflamado acusador,

— que talvez os srs. António Maria da Silva, Vitorino Godinho, Trindade Coelho, Filomeno da Câmara, e tantos outros, não participem das ideas do meu antagonista, quanto ao exclusivismo dos meus ataques, pelo menos com tão imperturbada convicção;

— que *combater tôda a gente*, duma forma vaga, impessoal, absolutamente genérica, talvez seja ainda a melhor maneira de não combater ninguém — reunindo assim o ímpeto cavalheiresco de D. Quixote ao bom senso comedido e cauteloso de Sancho Pança;

— que do *amigo* e do *inimigo do género humano* (do primeiro falou Molière em versos imortais) nunca vieram nem bem, nem mal ao mundo;

— que o simplismo dos sistemas, tão vantajoso nas arengas públicas, não é inteiramente adequado a traduzir a complexidade das coisas, e que para ser inteiramente justo há por vezes a necessidade de fazer certas distinções, como entre o homem que nos rouba o relógio ou o lugar no eléctrico, que nos pisa um calo ou nos aperta calorosamente os gorgomilos, que nos dá os bons dias com ar irónico ou nos despacha para o outro mundo sem sequer nos dar as boas noites;

— que acusar um homem, no mesmo dia, na

mesma fôlha, na mesma coluna do mesmíssimo jornal, por se ter na conta da única pessoa honesta do seu país, e por não afirmar que todos os políticos são desnecessariamente desonestos, será porventura incorrer numa evidente contradição, e ver no ôlho do vizinho o pequeno argueiro, sem reparar que se tem no próprio ôlho... a Tôrre dos Clérigos;

— que é mais fácil apanhar um mentiroso do que um coxo, e mostrar a fraqueza ingénita dum polemista à sobreposse, que as entranhas de trapo dum Napoleão de títeres ou dum Duguesclin de pacotilha;

— que depois de conhecer êste redactor de pôlpa, me resigno à modesta situação de segundo jornalista da República;

— que, embora o meu vencimento seja opulento e bastante maior que o dum pedreiro, a minha ucharia farta, as minhas horas vagas dum epicúreo sensualismo, e a minha obra professional inteiramente despicienda, talvez possa reclamar ao menos o direito de preferir ser jornalista de graça, nas horas vagas, a ser, também nas horas vagas, funcionário, mas pago pelo erário da Nação;

— e enfim que o facto de muitos jornalistas profissionais realizarem êste último ideal com tão grande tranqüilidade de consciência, não deve fazer-nos esquecer a vantagem da diversidade de gostos e de ideais, para podermos gozar, celebrando a suprema sabedoria do supremo Architecto do Universo, o espectáculo impressionante da multiforme maravilha das coisas. Todos nós entramos, meu caro antagonista, no plano providencial da divindade. Se todos tivéssemos pela nossa obrigação de funcionários o amor que em geral revelam os jornalistas profissionais, o mundo seria duma desesperadora monotonia — e as mcscas pensariam, na sua inocência, que teria chegado a hora de serem contempladas no festim orçamental. Deixem-nos os srs. jornalistas profissionais o prazer de nos sentarmos às nossas secretárias, como nós lhes deixamos o de irem, depois de assinado o ponto, censurar nos jornais a burocracia e a formidável desorganização do Estado. Sempre lhe digo, sr. J. B., que Frei Tomás colabora na imprensa portuguesa com diversísimos pseudónimos.

*

Desprezemos, porém, as questões secundárias, e mudemos de tom. Vamos ao essencial.

Acusa-me o enérgico panfletário de eu considerar «um crime receber o jornalista remuneração pelo trabalho que produz». Sou capaz de reque-

rer em papel selado, a êsse senhor, que me indique, não já um período, mas uma frase, uma palavra, onde idea tão risonhamente estúpida possa estar contida, para minha vergonha eterna e triunfo incontestado do meu acusador.

Os textos onde o nariz de J. B. farejou o escândalo devem ter sido: 1.º a campanha que tenho feito contra a grande Imprensa; 2.º uma passagem da carta que, por ocasião da minha *pendência* com Vitorino Godinho, dirigi ao *Século* e ao *Notícias*, e em que declarava estar escrevendo exclusivamente no jornal que não podia pagar os meus artigos.

Eis o corpo de delito. Não compreendeu J. B. que apenas fiz referência à minha situação especial na *Seara Nova* para fazer ressaltar o contraste com a «dignidade» gananciosa de Vitorino Godinho. Não compreendeu que, se tenho combatido a Imprensa, não é porque despreze a profissão jornalística *como tal* (que idiotice!), mas porque creio que ela está corrompendo a sua missão da forma mais impudente e sectária, abusando da sua fôrça, desonrando no gemer dos prelos a invenção de Gutenberg, arrastando pela lama o sceptro do seu Poder Espiritual, invertendo os valores, assoprando ignóbilmente as vaidades, fazendo da reportagem uma monstruosa ostentação das peores pústulas morais, mentindo sistematicamente ao público como uma vilíssima rameira, e fazendo todos os dias o *étalage* duma literatura alambicada e preciosa, cheia do *odore di femina* — uma literatura que nivela os sexos no mesmo rolar das ancas, nos mesmos delíquios sensuais, no mesmo contorcer de olhos em alvo, como se todos êstes tipos, ao matricular-se nas letras, houvessem feito, junto ao altar de Vénus Fagundes, o sacrificio da própria virilidade. Junte-se a isto uma mediocridade mental quási absoluta. Depois do *pathos* junqueireano e das nefelibatices conseqüentes, parecia que, sob o ponto de vista da mentalidade, já se não podia baixar mais. Baixou-se. E hoje o que está em moda é já a suprema deliquescência — a contradição erigida em norma estética e a simulação do paradoxo pelo puro disparate. Já não são as banalidades junqueireanas ⁽¹⁾ apresentadas como o supra-sumum do pensamento filosófico; é o facto de que, para dizer alguma coisa

(1) Permito-me insistir sobre Junqueiro (grande apenas como poeta erótico e satírico), porque esta crença num Guerra Junqueiro filósofo é uma das que mais desonram a minha geração. Sob o ponto de vista do pensamento, Junqueiro (prova-o toda a sua obra poética) está abaixo de *qualquer* — de Martins e de Eça infinitamente, e de Fialho e de Ramalho ainda sem contestação.

interessante, uma geração que perdeu tôda a capacidade das ideas tem de voltar do avêso a lógica tradicional.

Querer, para tudo isto, bodes expiatórios; querer convencer-nos que são a Moagem e a União dos Interesses Económicos que são culpadas de tôda esta inanidade de espírito é não fazer uso, ao menos uma vez na vida, da própria inteligência, ou não contar com a inteligência do adversário. E diz êste senhor que somos nós que temos conceitos demasiadamente «primários»...

O sr. J. B. tresleu. Supôs que eu tinha atacado o estipêndio quando ataquei a obra. Metido nestas coisas da inteligência, como não é um cerebral, fêz no espaço o *looping-the-loop*.

Que admira, pois, que se dê ao desporto de ter ilusões sôbre si próprio? Do sr. J. B. se poderá dizer que é *le Polémiste imaginaire*. «Se o sr. R. P. — escreve — sabe enfileirar as palavras que ferem como punhais e sibilam como chicotadas, também eu sei.» Não sabe nada. O sr. nem sabe escrever. Digo-lhe mesmo, meu amigo, que, se houvesse justiça neste país, já teria sido relegado a tarefas somenos. Para notícias de mosco, crimes passionais, suicídios, abortos, chegadas de chefes políticos, atropelamentos, estava bem... Até o atropelamento ainda o sr. vai. De aí para cima acho-lhe os pés compridos — e as ideas curtas.

Que tenha «uma vasta reserva de boas frases plebeias para atirar ao parceiro», como diz, com um desvanecimento que deve revelar a uma análise científica ancestralidades de eguariços arremengados, não contesto: a sua educação, a sua cultura, o seu gôsto literário não fazem supor outra coisa. O sr., para o plebeísmo, deve ser um alho! Mas quanto ao resto, não confundirá a polémica com os jogos florais das regateiras?

Não há maneira de convencer êstes senhores que o vigor dum polemista consiste sôbretudo no movimento da frase, na *verve* dialéctica, na energia e poder incisivo da expressão, e nessa arte, ao mesmo tempo beneditina e diabólica, de surpreender os bicharocos dissimulados do sofisma com o pente da análise e a pinça duma lógica simultaneamente luminosa e contundente, filha dos amores de Marte com Minerva, sob o claro céu da Hélade!

O polemista é o ponto de encontro da fuga dum temperamento combativo com a calma absoluta duma razão límpida — o campo de batalha em que os estos fisiológicos fazem aliança com a Inteligência discursiva — ímpeto e ideas claras, poder de compreensão e de sarcasmo, noção precisa da Verdade sem a indiferença, afirmação dum desejo ilimitado de consciência e de virilidade.

Um espírito desta ordem precisa sempre de partir de uma *atitude crítica*. Ter razão não é para êle completamente indiferente, e a única paixão que o domina é a da Verdade, da Justiça, das Ideas claras. Assim se resolve, no mesmo tipo psicológico, uma falsa antinomia do espírito.

É certo que, em casos extremos, também o polemista *de verdad* deve lançar mão dos epítetos que retalham a própria carne viva. Simplesmente êsses epítetos nunca abruptamente se inserirão na malha do discurso, antes se fundirão e enastarão de maneira inextrincável na teia do raciocínio. Sem a fôrça e rijeza dessa teia, todo o palavrão sôa falso, como essas cunhas que os maus poetas introduzem no verso para lhe completar a medida. Além disso, sr. J. B., um termo vigoroso na sua pobre prosa lembra um corpo duro que se introduzisse violentamente num tecido mole e desfibrinado, já dessorado pela gangrena. Decididamente, o meu infeliz contraditor não nasceu com a estrêla de polemista. Contra-indica-o para o efeito uma profunda miséria fisiológica, uma degradação do *tonus* vital. Todavia, quem sabe? talvez um dia lá chegue. Para êste fim, meu caro senhor, não lhe recomendo os bons autores: recomendo-lhe histogenol.

RAÚL PROENÇA.



A “SEARA” EM COIMBRA

A “Seara Nova” inaugura a sua anunciada propaganda na província com uma série de sessões que terão lugar em Coimbra, hoje e nos dias 23, 24 e 25 do corrente, devendo usar da palavra António Sérgio, Câmara Reys, Ezequiel de Campos, Mário de Castro, Rodrigues Miguéis e Sarmiento de Beires, que nas suas conferências versarão vários aspectos do programa político e social da “Seara Nova”.

Os drs. Jaime Cortesão e Azevedo Gomes, que deviam também tomar parte nestas sessões, não o podem fazer por se terem ausentado para o estrangeiro.

Escolhendo Coimbra para iniciar a sua propaganda, a “Seara Nova” obedece às instantes solicitações com que a teem honrado os mais belos espíritos da cidade universitária, e presta uma homenagem sincera à mocidade portuguesa, ali tão brilhantemente representada.